

Ideologia e Cultura Moderna por John B. Thompson

Os pressupostos referentes às transformações culturais associadas com o surgimento das sociedades industriais modernas constituem um referencial teórico geral que configurou muitos dos problemas e debates na análise social e política. Os elementos originais dessa grande narrativa da transformação cultural podem ser discernidos sobretudo nos escritos de Marx e Weber. Essas narrativas históricas consideram o papel desempenhado por sistemas seculares de crenças que emergiram às vésperas do abandono da religião e que serviram para mobilizar a ação política num mundo libertado da tradição. Esta grande narrativa não apenas oferece uma visão que foi fortemente influente na teoria social e política, mas também apresenta uma explicação das transformações culturais associadas ao desenvolvimento das sociedades modernas e do papel da ideologia nessas sociedades.

Os elementos-chave dessa narrativa são:

1. O surgimento do capitalismo industrial na Europa e em outros lugares foi acompanhado pelo declínio das crenças e práticas religiosas que eram prevalentes. O desenvolvimento do capitalismo industrial foi acompanhado pela secularização das crenças e pela racionalização da vida social.

2. O declínio da religião preparou o campo para sistemas de crenças que mobilizam a ação política, sem referência a valores ou seres de outro mundo. A sociedade passou a ter consciência prática enraizada nas coletividades sociais e animada pelos sistemas seculares de crenças.

3. A “era das ideologias” surgiu com movimentos revolucionários no começo do século XX. Esses movimentos foram as últimas manifestações dessa era. Atualmente, as mudanças sociais ocorrem via reforma gradual, com a acomodação pragmática de interesses conflitantes. A ação social não seria mais animada por sistemas seculares de crença que exigem mudança social radical. Por esta razão, estaríamos presenciando não apenas o fim dessa era, mas também o fim das ideologias.

Especificando brevemente cada ponto:

1 – Para Marx, o tipo de sociedade que surgiu com a emergência do capitalismo industrial é muito diferente das sociedades pré-capitalistas anteriores. Enquanto as sociedades anteriores eram conservadoras, a sociedade capitalista moderna está sempre em transformação, desintegrando as tradições religiosas. O modo de atividade capitalista retira das relações sociais o “séquito” de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo” que as ocultava no passado. Esse processo de “desmistificação” possibilitaria aos seres humanos ver suas relações sociais como aquilo que elas realmente são. Este processo colocaria a humanidade em uma nova era, associada a uma transformação iluminada da sociedade, com a eliminação das classes exploradoras.

Weber considera a uma relação entre o surgimento do capitalismo industrial e a dissolução dos valores tradicionais. Primeiramente, Weber argumentou que as mudanças na esfera da cultura e da tradição não eram apenas subprodutos do desenvolvimento autônomo do capitalismo. De fato, este autor estimou que estas transformações culturais, em particular associada à ética protestante, foram precondições para o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente. Weber argumenta que, uma vez que o capitalismo industrial se estabeleceu como a forma predominante da atividade econômica nos séculos XVII e XVIII, adquiriu força própria e dispensou as ideias religiosas que tinham sido necessárias para sua emergência. O desenvolvimento do capitalismo racionalizou a ação e adaptou o comportamento humano a critérios de eficiência técnica. Os elementos da tradição foram limitados pelas exigências de um cálculo racional. Para as gerações seguintes, as atividades fundadas nestes cálculo racional se tornou uma necessidade impessoal que circunscreveu as vidas das pessoas.

Os bens materiais adquiriram poder inexorável sobre as vidas dos homens. Hoje em dia, o espírito do ascetismo religioso não é mais base favorável ao capitalismo que não necessita mais de seu apoio. O Iluminismo parece também estar desaparecendo de uma maneira inexorável.

Embora tanto Marx como Weber tenham discernido uma conexão entre o desenvolvimento do capitalismo industrial e a dissolução das crenças religiosas tradicionais, o tom de suas explicações é totalmente diferente. Marx falou da desmistificação das relações sociais, tal como uma precondição para emancipação das relações de exploração de classe, Weber falou do desencantamento do mundo moderno onde valores tradicionais da civilização ocidental foram submersos por uma racionalização crescente.

Aqui, convém lembrar que as crenças e práticas religiosas são mais persistentes do que foi concebido por estes autores. De fato, a religião no mundo moderno está em constante mudança. O modelo capitalista provocou assim mudanças nos cultos religiosos de forma a responder a novas condições socioeconômicas. A dissolução de alguns valores obviamente aconteceu, porém deve ser destacado que houve muita recomposição paralela às novas regras de convívio social.

2 – Durante o final do século XVIII e começo do século XIX, o processo de secularização, quer dizer a perda de influência dos valores religiosos e a emergência de uma visão mundana fundada em linguagem da razão, da ciência, dos interesses e dos direitos, difunde-se nos centros industriais da Europa. À medida que mais pessoas estavam sendo expulsas do campo para as cidades com a expansão das fábricas do capitalismo industrial, as velhas tradições começaram a perder sua influência. Os velhos laços de servidão entre Senhores e Escravos foram questionados, à medida que os indivíduos estavam sendo forçados a entrar num novo conjunto de relações sociais baseadas na propriedade privada dos meios de produção, na troca de mercadorias e na força de trabalho assalariada. Ao mesmo tempo em que esse novo conjunto de relações sociais estava sendo formado, o poder político estava sempre mais concentrado nas instituições do Estado secularizado (um Estado baseado na noção de soberania e justificado por um apelo a valores universais). O Estado moderno está localizado inteiramente dentro do mundo sócio-histórico, a luta pelo poder se tornando constante no campo dos interesses e dos direitos.

A secularização da vida social e do poder político teria criado as condições para a difusão das “ideologias”. O fim do século XVIII e o começo do século XIX, teriam então marcado o começo da “era das ideologias” (revoluções políticas, socialismo, comunismo, liberalismo, conservadorismo e nacionalismo). Tudo foi realçado pela expansão da indústria do jornal e o crescimento da alfabetização. As pessoas passaram a ler sobre o mundo social e político, partilharem experiências e tornaram-se participantes potenciais da “esfera pública” através do debate de argumentos.

3 – A tese do “fim da ideologia” era uma argumentação sobre o suposto declínio das doutrinas políticas radicais ou revolucionárias nas sociedades industriais desenvolvidas na Europa. Tornava-se cada vez mais claro para muitos autores que os problemas das sociedades industriais desenvolvidas não podiam ser resolvidos pelo tipo de mudança social radical, pois davam origem a problemas semelhantes e a novas formas de violência e repressão. A velha “política ideológica” estava abrindo caminho para um novo senso de pragmatismo nas sociedades industriais desenvolvidas.

Nesta ótica, as ideologias seriam doutrinas abrangentes que oferecem uma visão coerente do mundo sócio-histórico e que exigem um alto grau de ligação emocional. Assim as características da ideologia seriam totalizantes, utópicas, apaixonadas e dogmáticas. O fim da ideologia não seria o fim do debate e de conflitos políticos. A ação política não seria mais animada por visões utópicas que incitariam a ação revolucionária. Com o passar dessa era das ideologias, os partidos políticos competiriam pelo poder e implementariam políticas pragmáticas de reforma social. As ideologias seriam um sintoma de um processo inicial de modernização, que iria desaparecer gradualmente, à medida em que as sociedades industriais alcançassem um estágio de maturidade econômica e política. Portanto, a era das ideologias estaria ultrapassada. Os teóricos do fim das ideologias acreditam que ideologias poderiam até ocorrer em sociedades industrializadas desenvolvidas, porém, de forma isolada e sem grandes consequências.

Convém como propõe Thompson uma avaliação crítica desta grande narrativa. Para este autor, a grande narrativa da transformação cultural não é um referencial apropriado dentro do qual se possa analisar a natureza e o papel das ideologias nas sociedades modernas.

A primeira e principal limitação da grande narrativa é que, ao caracterizar as transformações culturais relacionadas ao surgimento das sociedades industriais modernas, essa teoria minimiza a importância de mediação da cultura moderna. O problema é que a preocupação com os processos de racionalização e secularização tendeu a negligenciar um desenvolvimento de grande significado para as sociedades modernas, a mídia. Portanto, a narrativa tradicional negligencia este desenvolvimento, oferecendo uma explicação incompleta das transformações culturais associadas com o surgimento das sociedades modernas.

Alvin Gouldner (1976) discutiu as maneiras como o desenvolvimento da imprensa e da indústria do jornal facilitou a formação de uma esfera pública em que os assuntos políticos eram debatidos e as ideologias floresceram. Gouldner tende a conceber as ideologias como sistemas simbólicos isolados que se concretizam sobretudo na escrita e que servem para informar projetos públicos de reconstrução social. Gouldner conclui que o crescimento dos meios eletrônicos, tais como o rádio e a televisão, marca o declínio do papel da ideologia nas sociedades modernas. A ideologia é deslocada da sociedade, confinada à esfera restrita das universidades.

A segunda limitação importante da narrativa se refere às maneiras como o conceito de ideologia é empregado, de uma maneira não muito clara. Frequentemente, ideologia é usada para referir-se a sistemas de crenças isolados que surgiram às vésperas da secularização e que serviram para mobilizar movimentos políticos nas sociedades modernas. Gouldner tende a usar a “ideologia” para se referir a sistemas simbólicos que se concretizam principalmente na escrita. Os teóricos do fim da ideologia tendem a usar o termo para se referir àquele subconjunto específico de sistemas de crença políticos. É essa limitação do uso do termo que possibilita considerar que a era das ideologias acabou.

O uso generalizado de “ideologia” na narrativa é questionável sob dois aspectos fundamentais. Ele obriga-nos a ver a ideologia como um fenômeno essencialmente moderno, como um fenômeno singular dessas sociedades que emergiram do decurso da industrialização capitalista durante os séculos XVII, XVIII e XIX. O conceito admite muitas outras definições e não é evidente que restringir o conceito às sociedades modernas seja a maneira mais plausível de proceder. Para Thompson, é perfeitamente possível elaborar uma concepção defensável de ideologia que não esteja restrita a um corpo particular de doutrinas que emergiram na era moderna.

O uso generalizado de “ideologia” é também enganador, pois dirige nossa atenção para doutrinas políticas isoladas, afasta nossa atenção das muitas maneiras como as formas simbólicas são usadas para estabelecer e sustentar relações de dominação. Não existe justificção clara e convincente que possa ser estabelecida para restringir a análise da ideologia ao estudo das doutrinas políticas específicas, aos sistemas de crenças ou aos sistemas simbólicos. Proceder assim seria assumir uma visão abertamente estreita da natureza e do papel da ideologia nas sociedades modernas.

Então, Thompson propõe descartar a ideia segundo a qual as ideologias apareceram pela primeira vez com a era moderna e que desapareceram do campo social e político. Sugere assim reorientar o estudo da ideologia para as múltiplas maneiras como as formas simbólicas foram usadas, e continuam a ser, dentro das sociedades ocidentais modernas ou dos contextos sociais situados em diferentes pontos no tempo ou no espaço, a serviço do poder. Ou seja, o estudo da ideologia deveria se dirigir as maneiras pelas quais as formas simbólicas são usadas para a implantação e para a preservação de relações de dominação. Nesta ótica, associar ideologia à religião implica em considerar por exemplo a mobilização de sentidos em torno de crenças religiosas que possam servir a perpetuação da dominação do homem sobre a mulher.